

Pacto, só depois das eleições

Na entrevista para divulgar o seu programa de Governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso descartou a proposta

do candidato do PPS à Presidência da República, Ciro Gomes, de promover o diálogo entre o Governo e os candidatos da oposição para resolver a crise. "O diálogo agora é com o povo, depois das eleições aí eu acho que pode acontecer com todo mundo que tiver sinceridade. Agora, pode

parecer eleitoreira e eu não gosto disso", disse. Para ele, depois do resultado das urnas é necessário ampliar "o canal de diálogo" da oposição com o Governo, mas não "na base do tudo ou nada".

O diálogo, segundo ele, é necessário para fazer "críticas

viáveis às propostas nacionais sem uma postura intransigente, como acontecia no regime autoritário", o que definiu como "

viver com o olho no retrovisor". "Não simplesmente com olhos abertos porque aí dá pesadelo, não é sonho", disse. Fernando Henrique prometeu defender este diálogo até mesmo se perder a eleição. Neste caso participará na condição de cidadão, e apresentará propos-

tas sem adotar uma postura de ser sempre contra o Governo indiscriminadamente.

Ele lembrou que a oposição, que reclama da vulnerabilidade da economia diante da crise do mercado financeiro, votou contra os instrumentos que poderiam fortalecer a economia.

**"Oposição
votou contra
tudo que
era favorável
ao País e
agora reclama"**

**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**

"Votaram contra tudo que era favorável para o Brasil ter uma posição mais tranqüila hoje e agora reclamam que o País é vulnerável". Ainda há problemas, reconheceu o Presidente, porque a oposição sempre votou contra. "Infelizmente não foram sozinhos. Parte dos que eram base do Governo também assim procederam", disse, lembrando do veto do Congresso à reforma da Previdência. "Até hoje, pasmem, paira no ar a reforma da Previdência e o déficit não paira no ar. É sofrido no bolso do povo", disse.

O sua proposta de Governo, segundo ele, não é eleitoreira. "Um programa eleitoral não é sério", disse, ressaltando que não quer passar essa idéia para o País. Para ele, é uma "insensatez" pensar que um País pode ser forte sem Estado, que deve ser competente e eficiente, sem clientelismo. "Espero que o País, agora, numa discussão, aceite este programa e juntos possamos continuar estes próximos quatro anos", disse. (M.G.)